

A LENDA DA MÃE DE OURO NA REVISTA MENSAL DO PARTENON LITERÁRIO: ALTERIDADES E PROXIMIDADES FRONTEIRIÇAS

LA LEYENDA DE LA MÃE DE OURO EN LA REVISTA MENSAL DO PARTENON LITERÁRIO: CAMBIOS Y PROXIMIDADES FRONTERIZAS

Recebido em: 09/09/2024

Aceito em: 20/12/2024

Publicado em: 29/01/2026

Henrique Perin¹ 
Universidade de Lisboa

Resumo: Aglutinador de costumes, hábitos, lendas e folclore do Sul do Brasil, a Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário demonstrou ser um valioso elemento estruturador da memória social sul-rio-grandense. Dentre suas publicações, destaca-se a lenda “A Mãe de Ouro”, de 1873, que registrou a tradição oral transmitida entre gerações e foi elemento construtor da identidade do gentio sulino. Esta pesquisa apresenta a análise desta lenda, das aproximações e distanciamentos da narrativa entre o Rio Grande do Sul e suas fronteiras platinas. Também são propostas compreensões sobre as alteridades presentes na narrativa, como o lugar de elementos sacros e sobrenaturais e a civilização em contraponto com a natureza, do mesmo modo como são sugeridos elementos para a construção do arquétipo do sul-rio-grandense.

Palavras-chave: Mãe de Ouro; Partenon Literário; Victor Valpério; Fronteiras; Folclore.

Resumen: Reuniendo costumbres, hábitos, leyendas y folclore del sur de Brasil, la Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário resultó ser un valioso elemento estructurante de la memoria social de Rio Grande do Sul. Entre sus publicaciones destaca la leyenda “A Mãe de Ouro”, de 1873, que registró la tradición oral transmitida entre generaciones y fue un elemento que construyó la identidad de los gentiles del sur. Esta investigación presenta el análisis de esta leyenda, de las similitudes y distancias en la narrativa entre Rio Grande do Sul y sus fronteras platino. También se proponen comprensiones sobre las alteridades presentes en la narrativa, como el lugar de los elementos sagrados, sobrenaturales y de la civilización en contrapunto con la naturaleza, de la misma manera que se sugieren elementos para la construcción del arquetipo de Rio Grande do Sul.

Palabras-chaves: Mãe de Ouro; Partenon Literário; Victor Valpério; Fronteras; Folklore.

INTRODUÇÃO

A Revista Mensal do Partenon Literário, publicada no Rio Grande do Sul de 1869 a 1879, serviu como importante repositório de informações sobre os costumes, tradições e folclore do sul do Brasil. Espaço de encontro do corpo letrado sulino, além de contos, romances, ensaios e poesias, o jornal literário publicou lendas relacionadas à tradição oral e à cultura popular. Este fato é demonstrado por um caso específico: a lenda “A Mãe de Ouro”, divulgada em formato de folhetins entre janeiro e agosto de 1873, escrita por Victor Valpério, pseudônimo de Alberto Coelho da Cunha. Este primeiro registro escrito da lenda, nas páginas do periódico do Partenon Literário, serviu como modelo para as publicações posteriores em compêndios e

¹ Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Investigador do projeto Portugueses de Papel do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. E-mail: perin82@hotmail.com

manuais. Quando analisada pela perspectiva da tradição oral, a lenda oferece a possibilidade de examinar sua transmissão através de gerações no Rio Grande do Sul ao longo do século XIX, remontando às culturas submetidas a alterações fronteiriças entre os séculos XVIII e XIX. De acordo com Mauro Póvoas (2017), as adaptações das lendas encontradas nas páginas do periódico constituem uma categoria estruturalmente importante, embora frágil, na memória cultural do Rio Grande do Sul.

O objetivo desta pesquisa é apresentar brevemente a Revista Mensal do Partenon Literário, assim como o autor da lenda “A Mãe de Ouro”, e posteriormente discutir alguns aspectos da narrativa. Estes aspectos incluem o caráter sobrenatural, que está ligado à alteridade entre o sagrado e profano, bem como a diferença entre a civilização e a natureza (neste ponto é adotado o conceito de *wilderness*, segundo Roderick Nash (2001)) e as tensões entre o urbano e o selvagem. A alteridade transfronteiriça entre a então Província de São Pedro e as regiões platinas por meio da construção de arquétipos idealizados entre portugueses, sul-rio-grandenses e *gauchos* também é analisada. Por fim, é averiguada a existência de uma mensagem pedagógica. Estas possibilidades de investigação serão construídas por meio da tensão estabelecida pela dinâmica das facetas que as regiões fronteiriças oferecem.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada com fontes primárias, tendo como objeto de estudo a lenda “A Mãe de Ouro”, assinada por Victor Valpírio e publicada em sete edições da revista do Partenon Literário – janeiro, fevereiro, março, abril, maio, julho e agosto – no ano de 1873. Por se tratar de um universo composto por sete números específicos de uma revista literária, a pesquisa se configura como qualitativa. Para o tratamento dessas fontes foi necessário estipular algumas metodologias de pesquisa a fim de determinar as possibilidades de trabalho propostas (a alteridade entre o sagrado e o profano, a também alteridade entre a *wilderness* e a civilização, a construção dos arquétipos e a mensagem pedagógica). Mais de um tratamento às fontes foi necessário para que estas possibilidades de análise fossem construídas, o que Laurence Bardin (1977) nomeia como pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação. Após a aplicação desses métodos durante as leituras da lenda, foi possível determinar o *corpus* teórico que melhor se aplicasse às fontes. Também foi preciso compreender a narrativa por meio de formas e funções específicas. Para tanto foi necessário determinar algumas etapas para o conhecimento da obra, como a leitura crítica da lenda e a compreensão da história literária do Partenon Literário e do século XIX, etapas indispensáveis para

discussões que abarquem aspectos de literatura comparada, como explica Paul Van Tieghem (1994, p. 89). Estabelecidas não somente as influências nacionais, mas também estrangeiras na obra, encontrou-se o tom necessário para a compreensão e evolução da narrativa.

A REVISTA DO PARTENON LITERÁRIO E VÍTOR VALPÍRIO

A Sociedade do Partenon Literário foi criada em junho de 1868 em Porto Alegre por um corpo de intelectuais, tendo como grandes incentivadores os irmãos Apolinário, Aquiles e Apeles Porto Alegre. Menos de um ano após sua criação, em março de 1869, a agremiação cultural publicou a primeira edição de sua folha literária, inicialmente intitulada de Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário – nome que, aliás, sofrerá constantes alterações ao longo da existência da revista. Espaço dedicado às letras e à arte que circulou, com hiatos, entre 1869 e 1879, em suas primeiras páginas expôs os objetivos propostos para a agremiação e para o periódico, que se tornará um dos principais meios de circulação da produção literária no Rio Grande do Sul no século XIX. Seu “Programa”, assinado por Apolinário Porto Alegre, indica que o nascimento da sociedade “abriu ciclo literário na província, que até então, não pudera reunir um núcleo, onde a luz civilizadora se concentrasse nos certames científicos, nos pleitos da tribuna e na discussão transcendente sobre o verdadeiro, o bem e o belo” (PORTO ALEGRE, n. 1, 1869, p. 3).

A participação dos inúmeros associados – o Partenon Literário era composto por professores, jornalistas, músicos, médicos, advogados, engenheiros, poetas, dramaturgos, religiosos, ateus, monarquistas, republicanos, abolicionistas e um grande número de mulheres – não estava restrita apenas aos moradores de Porto Alegre (SANMARTIN, 1969). Alberto Coelho da Cunha, que assinava com o pseudônimo de Victor Valpírio, ou às vezes Jatyr, colaborava com a revista a partir da cidade de Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul. Romancista e novelista, também foi diretor do Arquivo Municipal de Pelotas. Dentre suas contribuições para a Revista Mensal do Partenon Literário, destacam-se inúmeras crônicas e contos, e em especial a lenda “A Mãe de Ouro” (MARTINS, 1978).

As diversas narrativas folclóricas publicadas nas páginas do ementário partenonista obtiveram certa repercussão no meio letrado gaúcho. Exemplo disso é que, em 1872, nas edições dos meses de novembro e dezembro, Alberto Coelho da Cunha, sob o pseudônimo de Victor Valpírio, assinou uma sangüínia defesa dos costumes e da literatura sulina, publicada com o título de “Contos rio-grandenses”:

... acho que o cunho americano deve-se ostentar com todas as produções do gênio brasileiro; que um raio do sol das Américas, que doira as nossas fronteiras juvenis, deve espelhar-se brilhante nas produções da musa dos brasileiros. Dos ombros da *nyade* do Amazonas afastemos o manto servil da imitação europeia, pesado para o nosso clima ardente, e demos-lhes as vestes leves, gentis, da virgem das florestas natalícias. Não modelemos tanto as nossas inspirações pelo cadinho europeu, nós que na mais opulenta plaga lemos a epopeia estupenda da criação no livro infinito da natureza. De originalidade ou ao menos naturalização da ideia, precisa a literatura pátria, que não comporta sem escândalo as criações falsárias à laia das do engenhoso *Ponson*, e os heróis esdrúxulos, impossíveis, de *Fcval* e *Montepin*. A mesma no velho o novo mundo é a poesia do coração; são os mesmos os sentimentos poderosos que acordam na alma do filho deste ou daquele hemisfério; os mesmos que despenham da cumeada agitada das paixões individuais, ao impulso do vento do desespero, as catástrofes da vida. Mas, segundo a região, clima ou natureza do país, são as condições de vida dos povos; outra a face predominante do seu caráter; outras as suas inclinações naturais, o seu sentir social: como que todos os povos têm uma alma natal. Em qualquer parte do mundo o homem é o mesmo; porém, mais ou menos modificado por influência da civilização no grau que goza, dos usos e costumes particulares à cada um, das instituições que mantém e das crenças que adota. Mesmo fisicamente, imensas são as distinções entre os filhos dos países diversos (VALPÍRIO, n. 5, 1872, p. 41-42).

O autor de “A Mãe de Ouro”, nas edições que precederam a publicação, anunciava que sua narrativa seria distinta das oferecidas pelos autores europeus e traria elementos originais e comuns à realidade brasileira. Afirmando que a influência dos motivos americanos – importante salientar que a estrutura proposta por Ángel Rama (1982) sobre a Comarca do Pampa se desenha como uma região de fricções fronteiriças, de aproximações e amalgamentos culturais – deve ser o mote destas narrativas produzidas pelos brasileiros, indica a direção que se deve seguir: o afastamento da servilidade à literatura europeia. Decorrente desta repulsa, o resultado tenderia a apresentar uma narrativa mais leve, que se adapta às necessidades de sua geografia e de sua sociedade, evitando a falsidade das criações estrangeiras. Os agentes diferem entre si, e é desta distinção entre europeus e os americanos que surge a necessidade de criação de uma nova literatura, com as cores e as culturas locais.

A MÃE DE OURO E SUAS CONSTRUÇÕES NARRATIVAS

A narrativa “A Mãe de Ouro” relata a morte de Annita, uma menina picada por uma cobra, e seu enredo enaltece a apresentação do ambiente e privilegia as impressões psicológicas da personagem. Durante a construção da história, o autor descreve a genealogia de Annita, sua paixão por um ginete, a posterior traição de seu amado, e elucida seu desamor, finalizando com a morte da protagonista. Tendo como primeiro cenário uma fazenda na localidade de Piratini, região fronteira entre o sul do Brasil e o leste do Uruguai, o autor abusa do rebuscamento para criar a história. A alteridade que permeará o texto é apresentada na primeira página da narrativa,

quando, após descrever os bosques e a mataria que cercavam Piratini, no capítulo intitulado “Cenário”, é sugerida a seguinte alteração:

Cambiamos de local, cambiamos de panorama. Cessou o rumor e o bulício dos bosques; cessaram as cenas variadas e pitorescas dos matos. Surge-nos diante dos olhos a campina infinda, morta e terrificada sob o peito do celeste páramo. Uma coxilha outras coxilhas ligam, e o mesmo tapete de relva e o mesmo lençol do capinzal estendendo-se ao infinito, perde-se no vago, no indeciso de remotos horizontes (VALPÍRIO, n. 1, 1873, p. 32).

Neste primeiro folhetim há a descrição física do ambiente e a alteridade entre a mataria fechada e as planícies abertas do Pampa. Na mataria estão os bosques, garrulando vida; no Pampa, as coxilhas e a imensidão do horizonte. Mais uma vez percebe-se a alternância de postura dos escritores urbanos do século XIX, transformando a *wilderness* em um lugar aprazível, sempre por meio a ação de algum agente transformador (NASH, 2001). Marca textual do período romântico, a descrição do meio físico é uma constante também no Rio Grande do Sul, principalmente percebido nos primórdios da corrente regionalista (MIGUEL-PEREIRA, 1957). Tal subterfúgio é notado por Maria Eunice Moreira (1982) que aponta para essa curiosa construção de cenários, presente em diversos autores sul-rio-grandenses. Apesar de apresentar mais exemplos no correr das primeiras décadas do século XX, no século XIX é possível encontrar textos em que os autores abandonam a narração e voltam-se unicamente à paisagem natural, estática, como se não houvesse ação humana. Ao descrever o voo de um bando de cardeais, o autor explica:

A presenciar estas cenas risonhas, estes ridentes panoramas, serpeia o trilho pelo bosque subindo sempre, como que em procura de mais ar, mais vida e mais luz. O mato abafa-o, sufoca-o, entre os vigorosos troncos de suas árvores, e ele a custo tateia nas sombras indeciso d'uma saída. Depois de muitas voltas e ziguezagues, ora contornando touças de taleiras e urumbebas que lhe estorvam a passagem, ora beirando a sanga que corre entre barrancos vestidos de avencas e samambaias, ora fugindo em desvio ao inextrincável caos que se lhe antolha de cipós e trepadeiras, que saltando de uma árvore a outra encontram-se no ar, afagam-se; abraçam-se depois, e tecem entre si impenetrável rede de verdura; depois de tão afadigada marcha, vai exausto expirar na orla do mato, d'onde se estende até longes remotes, que a vista não pode abarcar, o pampa interminável (VALPÍRIO, n. 1, 1873, p. 31-32).

Se antes a natureza era motivo de medo e receio, agora é construído como um cenário de enlevada beleza (NASH, 2001). A preocupação em descrever o cenário e a paisagem, entretanto, pode indicar um certo afrouxamento da narração, tirando o peso de ações nefastas que posteriormente serão desenvolvidas (MOREIRA, 1982). O caótico emaranhado de árvores

e cipós, assim, cede espaço para o Pampa, e mesmo com os encantos naturais residindo no bosque e dos pássaros se reunindo em júbilo e graça, a alteridade com o cenário da imensidão dos campos e das coxilhas da região do Pampa se sobressai. Annita, por sua vez, é mencionada apenas no final dessa narrativa, restando a progressão da personagem para a próxima edição da revista:

No declive da coxilha que se debruça para o mato e orla às margens do Piratini, e serpeia pelo meio de uma restinga que se alonga pela encosta, uma sanga entre pedregulhos: aí, quase escondida entre o arvoredor espreguiça-se uma casinha de taipa, colmada de tiririca, apoiada a uma anosa figueira silvestre. A um lado, à esquerda da casa, gêmeos dois umbus gigantes mergulham a viridante ramagem aos céus. É aí, nessa morada modesta e gentil que se oculta nessa hora matutina no leito, como a pérola na concha, que brinca na ramagem das espumas marinhas, Annita, a morena flor desse rincão (VALPÍRIO, n. 1, 1873, p. 34).

É somente na segunda edição, na revista de fevereiro, que o autor apresenta Annita e sabe-se que ela é órfã. Seu pai, Janjoca Timbaúva, posteiro na fazenda de Rafael Barbosa, fora assassinado, mas o crime restara em mistério; deixara sua esposa Angelita, seus filhos, Miguel e Annita. Supersticiosos, os peões da fazenda sugeriram que a morte ocorrera devido a um encontro com o Caapora, espírito maligno que percorre as florestas:

O Caapora, segundo a tradição popular, como gênio maléfico e vil que é, só vítima o adormecido que não se acorda mais depois de ele lhe haver encostado ao peito a boca pavorosa. O descuidado viajor sente sobre si uma pressão horrível. Sente a pele romper-se debaixo dos lábios grossos, viscosos e frios do monstro, uma língua pontuda e rija como uma espada introduzir-se pelo corpo o verrumar-lhe a carne, e espalhar-se-lhe depois pelos membros inteiriçados, em uma indefinível agonia, dores cruelíssimas. Paralisado, sem poder mover-se, sente-se sugado em vida por uma boca disforme, bebido e vazado num pavoroso monstro – o Caapora (VALPÍRIO, n. 2, 1873, p. 63).

O assassino sobrenatural, entretanto, é logo descartado devido à natureza dos ferimentos de Janjoca, que apresenta marcas de faca no peito. Também conhecido como “Caipora”, o Caapora é, segundo Câmara Cascudo (2005) nada mais que o Curupira, mas com os pés “normais”, ou seja, virados para a frente. Mito tupi-guarani emigrado do sul para o norte do Brasil, é descrito posteriormente por Simões Lopes Neto como “um espírito com forma de homem, gigante, peludo e muito tristonho, que comanda as varas de porcos-do-mato e anda sempre montado sobre um deles” (LOPES NETO, 2002, p. 89). O caráter místico do suposto encontro de Janjoca com o Caapora é transposto para o capítulo seguinte da narrativa, intitulado “A jararaca e o sapo”, em que Annita, petrificada por um sentimento entre o horror e a

fascinação, presença um sapo ser estrangulado e engolido por uma cobra. Os dois elementos – o assassinato do pai e a morte do sapo estrangulado por uma cobra – apresentam mais que dois meros recursos narrativos. Em um primeiro momento o escritor desenvolve a personagem Annita, e posteriormente, ao introduzir as duas mortes, estabelece os parâmetros do restante da novela: o caráter místico e sobrenatural que irá permear o restante da vida de Annita. A imagem do sapo devorado pela cobra não a abandonará e a menina passará a temer que este seja um pronúncio de sua própria morte. O pai, encontrado morto com marcas no peito em um bosque, também constituirá um novo limite para Annita: do outro lado da fronteira, na *wilderness*, o sobrenatural e a morte espreitam.

Na terceira edição da revista, em março, a trama inicia com o narrador, em monólogo, advertindo Annita, que ainda presenciava a cena entre o sapo e a jararaca. Neste momento Annita se pergunta se este também seria seu destino, ser consumida por uma cobra (VALPÍRIO, n. 3, 1873). A personagem, entretanto, ignora os conselhos do narrador e retorna constantemente ao bosque. O espaço é dividido pela fronteira estabelecida pelos limites da fazenda. Dentro da fazenda está a casa onde Annita mora com sua mãe e seu irmão, é o local seguro em que vive; do outro lado está a natureza, onde os perigos existem:

Annita sequiosa de luz, de ar, e liberdade, enfastiada da monotonia diária da casa à essas horas, saltou para o campo. O seu pé ágil e lesto calçado em tamanquinhos de couro ele teineiro mal roça no chão. Desce ligeira a ladeira, colhendo florezinhas do campo, aqui uma roxa jurujuba, ali um amarelo barbiricó. Atravessa a planície que se estende desde a ladeira, a Restinga e o mato, e some-se através as cortinas de folhagens (VALPÍRIO, n. 3, 1873, p. 110).

Em incursão ao outro lado da fronteira entre a civilidade – sua casa – e a *wilderness* – o bosque –, “Annita, cheia de temeroso respeito, penetra nestes recônditos sagrados comovida e trêmula, com a vida toda no coração reconcentrada. Aí a ideia de Deus mais grandiosa se revela, pairando na obscura imensidade, e ela sente-se deslumbrada palpando o ignoto que se revela” (VALPÍRIO, n. 3, 1873, p. 111). A natureza, antes local de temeridade, passa a operar como local sagrado, onde a santidade se revela. É ali, entretanto, que a menina encontra uma pequena cobra coral que “silvando, levantou a cabeça, sobressaltada pelo ruído” (ibid.) – não se pode deixar de relacionar esta cena com a do pecado original, em que Eva é tentada por uma cobra a experimentar do fruto da sabedoria (BÍBLIA, 2017). Mas também é do outro lado da fronteira que Annita encontra a beleza. Ao seguir um beija-flor até seu ninho e tentar pegar dois pequenos

filhotes que ali estavam, um fogue, entre as folhas, mas o outro não consegue escapar. Tomando-o aos seus cuidados, Annita e o colibri tornam-se inseparáveis.

A quarta parte da narrativa apresenta a genealogia de Annita, mais especificamente seu pai e seu avô paterno. Através de seu avô, o ilhéu chamado Simeão, e seu pai, Janjoca, é construída a alteridade de dois arquétipos, entre o português e o sul-rio-grandense. O estereótipo do imigrante português nas ficções brasileiras do século XIX é explorado por Victor Valpério, construindo Simeão como uma pessoa de parca inteligência, mas enérgico e forte. A relação entre pai e filho é construída através de desavenças entre Janjoca, que não gosta de trabalhar na terra, e Simeão, cuja vida regrada e econômica via no trabalho duro o destino a ser alcançado. Janjoca preferia trabalhar com gado e sempre montado a cavalo; já Simeão mourejava do nascer ao pôr do sol com o cabo de uma enxada nas mãos (VALPÉRIO, n. 4, 1873). Se na quarta parte da narrativa é estabelecido o arquétipo do gaúcho bárbaro com Janjoca – cavaleiro que prefere a liberdade ao cotidiano da lavoura – no quinto fascículo ocorre a consagração deste tipo característico. Como “A Mãe de Ouro” é publicada três anos após a primeira edição de O Gaúcho, de José de Alencar, é seguro ponderar que a alteração do tipo gaúcho, antes visto como um *gaucho malevo* (SARMIENTO, 2010), um personagem de má índole e que habita as regiões incivilizadas da fronteira, agora, no caso sul-rio-grandense, surge como um exemplo humano de resistência e abnegação. Sujeito às agruras do campo, mas desapegado da cultura da roça, Janjoca prefere trabalhar montando seu cavalo, cuidando de fronteiras e manejando o gado:

Quando podia escapular-se, deixava o ilhéu e arranjava algum matungo. Encarapitava-se nele e tocava-se a todo galope, levantando nos horizontes poeira por aí além... Assim passaram-se anos. O ilhéu envelheceu enquanto o menino se fez homem. Janjoca havia já completado dezoito anos o não tinha ainda tomado gosto pela lavoura. Todas as suas inclinações eram para o cavalo (VALPÉRIO, n. 4, 1873, p. 164).

Após abandonar a casa de seus pais, Janjoca, companheiro de cavalhadas de Rafael Barbosa, recebeu o cargo de posteiro de fazenda, indo morar na divisa entre o campo e a *wilderness*, encarregado de patrulhar e manter a fronteira entre a civilização e a barbárie. Reconhecido por sua aptidão como cavaleiro, transformou o que havia de mais impróprio aos olhos de seu pai em qualidades:

Ninguém montava como ele, com tanta bizzarria e garbo o mais quebra e largado redomão; ninguém reboleava com mais mestria o laço ou atirava um pealo de cucharra. Janjoca era a flor dos guascas de todo aquele rincão. Se no seu redomão pangaré ele era monarca garrido de todos aqueles pagos, no serviço o mais hábil e o

mais ativo dos da peonada; quem disputasse com ele glórias no fandango não havia. Ele só levava a todos as lampas (VALPÍRIO, n. 5, 1873, p.204).

A transformação do arquétipo do gaúcho ocorre em um momento de alteração na estrutura do gentio sulino. Se em *O Corsário*, de Caldre e Fião, em 1851, o tipo gaúcho é execrado e considerado um mal elemento, o Partenon Literário alterará esta visão nas próximas décadas. Construiu-se um ciclo de literatura regionalista como consequência de uma atitude mental combativa, atraída pelo passado gaúcho. E é no peão da instância, herdeiro do monarca das coxilhas, que os escritores partenonistas irão estabelecer a imagem de liberdade e ousadia, de brio, altivez e coragem pessoal (CESAR, 2006). É através dessa construção que surge mais um personagem, Leonel Gonçalves, um ginete que cai de seu cavalo em frente ao rancho e é socorrido por Annita.

Leonel Gonçalves se recupera na casa da mãe de Annita, e apaixonado pela menina, promete-lhe retornar. Necessitaria, antes, voltar para a cidade para resolver alguns assuntos. A promessa ajuda a cumprir uma função específica na narrativa, a de civilidade do outro lado da fronteira. A fazenda exerce o papel de delimitadora entre os dois mundos, o civilizado em que mora Annita, e o incivilizado, lugar em que Leonel Gonçalves se machucou e onde opera a barbárie, a *wilderness*. É de se esperar que a promessa realizada pelo então enfermo seja cumprida e ele retorne, como explicado no diálogo entre os dois:

- Não chore, não lamente a minha ausência voltarei em breve, talvez para sempre.
- Promete? interrogou a menina com ar tão encantador, tão expressivo e cheio de sedução que Leonel prometeria até (seria disso capaz) as estrelas do céu para formar-lhe um colar.
- Prometo, juro (VALPÍRIO, n. 5, 1873, p. 209).

Entretanto, após a partida do jovem, não houve retorno. Passaram-se dois anos e “Leonel, nas cidades, esqueceu nos salões cheios de divas arrebicadas, cobertas de carmim e pós de arroz, a filha encantadora do posteiro, a sua enfermeira compassiva. Em sua alma, da ingênua menina, o esquecimento apagou a imagem” (VALPÍRIO, n. 5, 1873, p. 211). Novamente a alteridade é resgatada pelo autor, mas neste ponto, é nos vícios da civilização que maculam a simplicidade e o amor no campo. Vigorando o romantismo literário no período, foi na região da Campanha e do Pampa que o regionalismo prevaleceu e tomou corpo, impondo-se como afirmação literária (CESAR, 2006). E é exatamente neste contexto, de alteridade entre

campo e cidade, na sexta parte da novela, que finalmente a lenda da Mãe de Ouro é revelada. Chegando às cercanias do povoado de Piratini para acompanhar uma carreira entre dois cavaleiros, Annita e sua mãe encontram-se entre a multidão que acompanha a passagem de uma carruagem. Em um primeiro momento Annita não consegue enxergar os ocupantes do carro, até que alguém comenta tratar-se de Leonel, e ao seu lado está sua esposa, Pepita Avellaneda, que conhecera em algum salão da cidade. Annita sente sua respiração ofegar:

Nesse momento o carro fronteava o grupo em que Annita se achava. Elia viu Leonel, reconheceu-o bem, segredando ternamente ao ouvido de sua mulher Pepita Avellaneda. Annita asfixiada de dor, com a cabeça atordoada na visão aterradora, ficou-se imóvel, não pôde dar um passo.

Uma roda da carruagem passou rente a ela; quase que a magoou. Leonel sem olhar para os lados deu uma chicotada nos cavalos, que dando um arranco, saíram a trote largo. Voltando a si do pasmo, Annita debulhada em lágrimas atirou-se aos braços de sua mãe com a voz entrecortada pelos soluços, embargada pela dor, apenas pôde dizer: Mãe...vamo-nos embora! (VALPÍRIO, n. 7, 1873, p. 288).

Retornando à casa materna, Annita ainda sofre pela traição de Leonel quando uma tempestade assoma no horizonte. À janela, a menina vislumbra uma explosão:

De repente, ao longe um estampido como uma explosão terráquea reboou, e o seu lado, esvaiu-se na distância. Na extrema do horizonte via-se na atmosfera comovida, uma espiral vaporosa como uma tira de neblina rarefeita ao sol, aos ares ascender...

E a natureza de novo recaiu na calma.

Annita com voz tremula interrogou: o que foi isto, mamãe?

– A mãe do ouro que mudou-se.

– A mãe do ouro! Que mudou-se?

– Sim, ela, que com suas riquezas mudou-se de lugar. A terra abre-se para ela sair e tomar outro sítio mais avantajado...

– Quem é a mãe do ouro?

– Uma mulher muito formosa que é dona de todos os metais que há debaixo da terra, dentro das pedras e dos arroios. É ela quem faz o ouro, quem fabrica a prata...

– Conte-me então a história dela, mamãe (VALPÍRIO, n. 7, 1873, p. 291).

Sua mãe contou como o avô materno de Annita, vindo de São Paulo, estabeleceu-se no sul, e chegando, encontrou um ilhéu com quem trocou um cavalo por uma estância de terras. Agregada à essa estância, morava uma “china” com um grande número de filhos e filhas, sendo a mais velha de idade aproximada à de Annita. Nos fundos de onde morava a família, atrás de uma pequena horta, um rio passava, desaguando em um lajeado, que por fim corria para um arroio. Percebendo que de um momento para outro os vegetais e as verduras da horta apresentavam estragos, a matrona espreitou à noite, esperando encontrar a razão da destruição. Mas foi sua filha mais velha, que descuidada, desceu em direção ao lajeado e encontrou um ser

sobrenatural deitado sobre as pedras. Conversando, esta figura sobrenatural pediu para que a menina retornasse no dia seguinte, para que pudessem conversar mais, e que lhe trouxesse um pente de cabelo como presente. Com o correr das conversas, promessas foram feitas e à menina foi feito um convite, para que acompanhasse o ser sobrenatural ao reino das profundezas e pudesse vislumbrar as riquezas guardadas. De comum acordo combinaram encontrar-se novamente em cinco dias, mas a filha da “china” não poderia relatar a ninguém o assunto. Como prova de boa vontade, a figura sobrenatural deu-lhe uma concha de presente “ –receba este mimo que dá-te a mãe de ouro” (VALPÍRIO, n. 7, 1873, p. 293) – em que podia ver ouro espumando em ondas. Neste momento, um rumor perpassou, seguido por um estampido ecoando ao longe:

A mãe do ouro tinha desaparecido. Quando ela deu acordo de si estava sozinha. Deitou a correr depressa para a casa. No caminho as conchas entreabriram-se: o ouro espumava em ondas. A menina deslumbrada as fitava louca de prazer; no auge da alegria não pôde conter-se; a correr gritava: mamãe, venha ver, venha ver que coisa linda! Venha ver o presente que deu-me a mãe do ouro. Quando pronunciou estas palavras reveladoras, como por encanto a dobradiça da concha partiu-se e uma metade caiu ao chão; outra ficou-lhe na mão: um bando de cobrinhas rolou. Dera-se a mudança do ouro em víboras. Uma cobrinha ficou-lhe enroscada no braço. Ella sacudiu-o com doido frenesi. A cobrinha desenvencilhando-se, num prisco escorregou-lhe pela manga ao seio: mordeu-a no peito. Um gritinho de dor e agonia foi repercutir no ouvido materno. A mãe veio encontrar a filha cabida; o rosto ficara-lhe lívido esverdeado. Estava morta. (VALPÍRIO, n. 7, 1873, p. 293-294).

O mito da Mãe de Ouro, conforme Câmara Cascudo, é inicialmente meteorológico, o que confirma a narrativa de Victor Valpírio, da tempestade se aproximando e o estampido ouvido por Annita. A incorporação dos metais como ouro e prata, entretanto, é posterior e surgiu com o ciclo de ouro no Brasil, principalmente em Minas Gerais, Mato Grosso, São Paulo e Goiás, em fins do século XVII e início do XVIII. O primeiro registro escrito desses elementos incorporados à lenda, em outras regiões brasileiras, data de 1884 (CASCUDO, 2005), entretanto, percebe-se que no Rio Grande do Sul, dez anos antes, já é notada essa alteração. Agindo com trovões, fogo, vento e dando o rumo de mudanças, o mito destacado por Câmara Cascudo se assemelha com o relatado por Victor Valpírio, mesmo que a versão do escritor gaúcho abarque outros elementos. Em São Paulo a lenda também existe, e embora o ser sobrenatural não apresente forma física, atrai os homens, fazendo-os abandonar suas famílias. Em outra versão, também paulista, a Mãe de Ouro passeia pelos ares, mas mora em um palácio debaixo d’água (ibid.).

A criatura avistada pela filha da “china”, aparentava ser uma sereia e foi encontrada em um lajeado, sobre uma pedra, cercada por água. Outro ponto de aproximação pode ser encontrado no relato de que o avô de Annita, que era de São Paulo e veio para o Rio Grande do Sul. A lenda, contada pelo paulista, sugere que a migração da história poderia ter vindo com ele.

No último capítulo, publicado em agosto, é revelada a morte de Annita, que se assemelha à maneira como a filha da “china” faleceu. Após o relato da lenda, a menina observava a tempestade pela janela quando um raio cai em uma das árvores do terreno. No dia seguinte, com o sol brilhando, Annita dirigiu-se até a árvore decepada, lamentando que a companheira de sua infância havia tombado. Depois, foi para o açude, atrás do rancho, onde cresciam os igarapés (VALPÍRIO, n. 8, 1873):

Annita colheu uma flor branca cujo cálice entreabria-se aos fulgores da manhã. Lembrando-se da ingratidão de Leonel, as suas lágrimas a custo retidas desataram-se sobre a flor. Apressada voltou para casa e encenou-se no seu quarto para mais a vontade poder chorar. Prendeu a flor do aguapé ao peito do vestido e debruçou-se na janela. Mas súbito sentiu debater-se sob seu seio dando lategadas de desespero, um animal qualquer; e da flor se esguichou assanhada uma coral. A menina fulminada de susto não deu um passo. A coral enleando-se-lhe no braço mordeu-a, e esgueirou-se pela janela abaixo (VALPÍRIO, n. 8, 1873, p. 330).

A morte de Annita, tal qual a da personagem da lenda contada por sua mãe, também exerce uma função pedagógica: a confiança e a esperança depositadas levemente em uma pessoa da cidade, exerce a alteridade com o tipo campesino, este mais propenso ao cumprimento de suas promessas. O amor depositado por Annita em Leonel fora em vão. A construção do arquétipo do gaúcho desloca Leonel da concepção de um personagem ligado às atividades do Pampa. Seu antagonismo é construído através de algumas passagens, como o acidente que sofre enquanto monta seu cavalo, a perdição nas facilidades da cidade, na promiscuidade do urbano, a falta de caráter e o descumprimento de promessas, e mesmo seu casamento com uma mulher afeita às festas e aos salões da cidade. Como a principal característica do gaúcho é o telurismo (sua ligação com a terra), compreende-se que Annita tenha sido enganada por um personagem urbano, que não cumpre suas promessas (MOREIRA, 1982). Os atributos físicos também são características importantes que podem ser dissecadas. Annita é morena e tem olhos pretos, não usa maquiagem, tem poucos adornos e é honrada – “a morena virgem, a sedutora filha do posteiro” (VALPÍRIO, n.8, 1873, p. 331) – enquanto a esposa de Leonel, Pepita Avellaneda, é loira, tem olhos claros e veste-se à moda da cidade – “uma moça loura, de rosto arredondado,

levemente colorido, vestida de veludo azul-negro, com uma rosa escarlate e grande, de pétalas aveludadas presa no cabelo” (ibid., n. 7, p. 287).

A alteridade entre as duas mulheres é latente. De um lado Annita, honrada filha do gaúcho bárbaro, que vive na fronteira entre a civilização e a selvageria; do outro, Pepita Avellaneda, uma mulher da cidade com um nome castelhano e cuja honradez é passível de questionamento. Pedagogicamente compreende-se que a abnegação e a devoção podem ser usurpadas pelas facilidades e tentações da cidade. O destino da heroína, mesmo que seja a morte, é acompanhado pelo sentimento de lealdade, com moral ilibada e altivez.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após leitura e análise, realizou-se extensa interpretação do universo composto pelos sete números da revista que compõem a narrativa. Propõe-se, assim, discutir alguns resultados pontuais. O primeiro refere-se a alteridade entre o sagrado e o profano apresentada pelo escritor. Outras lendas também são publicadas no ementário, como “Boitatá”, em 1869, assinada por Bernardino dos Santos, que pode ser analisada através deste prisma. A lenda do “Judeu Errante” do mesmo modo é publicada na revista, mas como é um mito principalmente europeu, questiona-se se a função pedagógica proposta pela alteridade pode ser interpretada da mesma maneira no sul da América do Sul.

Outra discussão pode ser colocada na alteridade entre a natureza quando interpretada enquanto *wilderness* e obstáculo a ser conquistado, e a civilização. A obra *Facundo: Civilização e Barbárie*, de Domingos Sarmiento, de 1845, apresenta este mesmo debate, o que sugere que as fronteiras intelectuais entre Argentina e Brasil no século XIX apresentavam certa perenidade. Enquanto questão universal, essa alteridade é interpretada não somente nas fronteiras platinas, mas apresentada também na América do Norte através da *Frontier Thesis* de Frederick Turner (1893) e da *Doutrina Monroe e do Destino Manifesto*, podendo ser encontrada na concepção de “modernidade” em *Fausto*, de Goethe, no início século XIX, ou mesmo em Rebelais através de *Gargântua e Pantagruel*, no século XVI.

Uma terceira discussão é interpelada pela construção de dois arquétipos na narrativa. O primeiro arquétipo refere-se ao gentio sul-rio-grandense, contraposto com o português; o segundo é deste gentio sul-rio-grandense com o *gaucho*, imagem “maléfica” que também é apontada em *Facundo* (2010). Por fim também pode ser compreendida a questão das fronteiras interpretativas dentro da lenda. A primeira fronteira é colocada entre a civilização, representada pelo rancho e pela cidade, e a natureza, onde, apesar de beleza enlevada, está o profano e a

morte. A segunda fronteira pode ser colocada entre a perdição e os vícios da cidade, e a pureza e simplicidade da vida bucólica. A terceira fronteira é interpretada na dualidade entre Annita e Pepita Avellaneda; a primeira, sul-rio-grandense, é um esboço de virtuosidade, já a segunda, com sobrenome estrangeiro, é o exemplo de vícios e pecados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto local de preservação de lendas, folclore, costumes e identidade, a Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário cumpriu relevante função na sociedade gaúcha do século XIX. O resgate da lenda através da narrativa de Victor Valpério, apesar de representar quantitativamente uma pequena contribuição no escopo da folha literária, presta a importante função de repositório do espólio cultural de um povo, e principalmente, de uma região. Preserva-se assim não somente a memória do gentio sul-rio-grandense, mas da região do Pampa, e ainda mais abrangente, da região do Prata

As alteridades entre civilização e natureza, entre portugueses e gaúchos, entre gaúchos e *gauchos*, os exemplos pedagógicos e as relações entre a *wilderness* e a conquista da selvageria, presentes no relato oitocentista, se não estão presentes nas reproduções século XX, é devido às situações fronteiriças distintas. No século XIX o sul da América do Sul ainda ressentia as alterações geopolíticas das coroas ibéricas. Locais de tensões, atritos e acirramentos, estas fronteiras políticas eram incapazes de estancar a cultura oral e o folclore da região – mesmo porque, por não apresentarem graves acidentes geográficos, a integração cultural entre Brasil, Argentina e Uruguai era mais fluída, com maior penetração. Como exemplo pode-se citar a concepção da Comarca do Pampa por Ángel Rama (1982). No século XX, entretanto, já com a consolidação da República no Brasil, o interesse pelo folclore e pelas lendas assume um outro viés: agora a necessidade era a busca de uma identidade regional. A alteridade entre portugueses e castelhanos e portugueses e gaúchos não exprimia tanta importância quanto a premência de construir uma identidade própria. Prova disso pode ser encontrada nas incontáveis obras que versaram sobre o regionalismo sulino e abundaram as primeiras décadas do século XX.

As histórias preservadas na Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário ofertam para os pesquisadores, mais de um século após suas publicações, a possibilidade de analisar o intercâmbio e a evolução da tradição cultural e identitária da sociedade sul-rio-grandense. Composto por uma parcela de alfabetizados que não alcançava os 30 % (IBGE, 1940), o Rio Grande do Sul do último quartel do século XIX tinha na transmissão oral seu principal meio de

difusão cultural, seja através de lendas, contos, histórias fabulosas e religiosas, seja através de músicas e de conversas ao redor de fogões e fogueiras. A divulgação impressa em uma folha cultural dessa lenda demonstra a forte influência da cultura fluída na região do Pampa, assim como as relações, analogias e alteridades entre portugueses e espanhóis mesmo após as modernas fronteiras políticas estabelecidas.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Gênesis. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2006.
- IBGE, Censo Demográfico 1940.
- LOPES NETO, João Simões. **Lendas do sul**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.
- MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1978.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **História da literatura brasileira**. Prosa de ficção de 1870 a 1920. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- MOREIRA, Maria Eunice. **Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/ICP, 1982.
- NASH, Roderick. **Wilderness and the american mind**. New Heaven: Yale University Press, 2001.
- PORTO ALEGRE, Apolinário. Programa. In: Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário. Porto Alegre, n. 1, 1869, p. 3.
- PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura**: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX. Porto Alegre: Buqui, 2017.
- RAMA, Ángel. **Transculturación en America Latina**. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 1982.
- SANMARTIN, Olyntho. **Um ciclo de cultura social**. Porto Alegre: Sulina, 1969.
- SARMIENTO, Domingos Faustino. **Facundo**: civilização e barbárie. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

TURNER, Frederick Jackson. The Significance of the Frontier in American History. In: **Frontier and Section**. New Jersey: Prentice-Hall, 1961 [1893].

VALPÍRIO, Victor. Contos rio-grandenses. In: Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário. Porto Alegre, n. 5, 1872, p. 41-45.

VALPÍRIO, Victor. A Mãe de Ouro. In: Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário. Porto Alegre, n. 1, 1873, p. 30-34.

VALPÍRIO, Victor. A Mãe de Ouro. In: Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário. Porto Alegre, n. 2, 1873, p. 60-66.

VALPÍRIO, Victor. A Mãe de Ouro. In: Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário. Porto Alegre, n. 3, 1873, p. 107-116.

VALPÍRIO, Victor. A Mãe de Ouro. In: Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário. Porto Alegre, n. 4, 1873, p. 158-166.

VALPÍRIO, Victor. A Mãe de Ouro. In: Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário. Porto Alegre, n. 5, 1873, p. 203-211.

VALPÍRIO, Victor. A Mãe de Ouro. In: Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário. Porto Alegre, n. 7, 1873, p. 285-294.

VALPÍRIO, Victor. A Mãe de Ouro. In: Revista Mensal da Sociedade do Partenon Literário. Porto Alegre, n. 8, 1873, p. 328-331.

VAN TIEGHEM, Paul. Crítica literária, história literária, literatura comparada. In: COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tania Franco (Orgs.). **Literatura comparada**: textos fundadores. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1994.